


**A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA NA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA  
PSICOGENÉTICA E A EMERGÊNCIA DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA EM  
SITUAÇÕES REAIS DE PRODUÇÃO TEXTUAL**

**THE CONSTRUCTION OF WRITING FROM A PSYCHOGENETIC CONSTRUCTIVIST  
PERSPECTIVE AND THE EMERGENCE OF PHONOLOGICAL AWARENESS IN REAL-  
LIFE TEXT PRODUCTION SITUATIONS**

**LA CONSTRUCCIÓN DE LA ESCRITURA DESDE LA PERSPECTIVA  
CONSTRUCTIVISTA PSICOGENÉTICA Y LA APARICIÓN DE LA CONCIENCIA  
FONOLÓGICA EN SITUACIONES REALES DE PRODUCCIÓN TEXTUAL**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-006>

**Data de submissão:** 02/11/2025

**Data de publicação:** 02/12/2025

**Josué Alves Sousa**

Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação  
Instituição: Universidade do Estado da Bahia (GESTEC/UNEB)  
E-mail: josuealves0748@gmail.com

---

**RESUMO**

Este artigo analisa o processo de construção da escrita por crianças em nível de conceitualização silábica, a partir de um episódio de produção textual em sala de aula envolvendo a expressão “lobo mau”. Fundamentado na perspectiva construtivista psicogenética, o estudo observa como os sujeitos mobilizam saberes fonológicos e gráficos em situações reais de escrita, revelando hipóteses, justificativas e reorganizações cognitivas diante de desafios concretos. A análise qualitativa, baseada em protocolo de observação, utiliza cinco categorias interpretativas: percepção da pauta sonora, pertinência ou não pertinência de letras na escrita, evocação de repertório linguístico, percepção de conflito gráfico e justificativas gráficas. Os resultados evidenciam que a escrita se constrói na interação entre sujeito, objeto de conhecimento e mediação pedagógica, e que saberes como a consciência fonológica emergem de forma contextualizada, como parte da complexidade de aprender a ler e escrever. O estudo reafirma a importância de práticas pedagógicas que valorizem o diálogo, a escuta e a construção ativa do saber.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Perspectiva Construtivista Psicogenética. Produção Textual Infantil.

**ABSTRACT**

This article analyzes the process of writing construction by children at the syllabic conceptualization level, based on an episode of textual production in the classroom involving the expression “big bad wolf.” Based on the psychogenetic constructivist perspective, the study observes how subjects mobilize phonological and graphic knowledge in real writing situations, revealing hypotheses, justifications, and cognitive reorganizations in the face of concrete challenges. The qualitative analysis, based on an observation protocol, uses five interpretive categories: perception of the sound pattern, relevance or irrelevance of letters in writing, evocation of linguistic repertoire, perception of graphic conflict, and graphic justifications. The results show that writing is constructed through interaction between the subject, the object of knowledge, and pedagogical mediation, and that knowledge such as phonological awareness emerges in a contextualized way, as part of the complexity of learning to read

and write. The study reaffirms the importance of pedagogical practices that value dialogue, listening, and the active construction of knowledge.

**Keywords:** Literacy. Psychogenetic Constructivist Perspective. Children's Text Production.

## **RESUMEN**

Este artículo analiza el proceso de construcción de la escritura por parte de los niños en el nivel de conceptualización silábica, a partir de un episodio de producción textual en el aula que involucra la expresión «lobo malo». Basado en la perspectiva constructivista psicogenética, el estudio observa cómo los sujetos movilizan conocimientos fonológicos y gráficos en situaciones reales de escritura, revelando hipótesis, justificaciones y reorganizaciones cognitivas ante desafíos concretos. El análisis cualitativo, basado en un protocolo de observación, utiliza cinco categorías interpretativas: percepción de la pauta sonora, pertinencia o no pertinencia de las letras en la escritura, evocación del repertorio lingüístico, percepción del conflicto gráfico y justificaciones gráficas. Los resultados evidencian que la escritura se construye en la interacción entre el sujeto, el objeto de conocimiento y la mediación pedagógica, y que conocimientos como la conciencia fonológica emergen de forma contextualizada, como parte de la complejidad de aprender a leer y escribir. El estudio reafirma la importancia de las prácticas pedagógicas que valoran el diálogo, la escucha y la construcción activa del conocimiento.

**Palabras clave:** Alfabetización. Perspectiva Psicogenética Constructivista. Producción Textual Infantil.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização constitui uma etapa fundamental na trajetória escolar das crianças, marcada por intensas descobertas cognitivas e linguísticas. Longe de ser uma simples apropriação de códigos gráficos, aprender a escrever envolve a construção ativa de saberes sobre o funcionamento da linguagem escrita. Nessa perspectiva, a criança não é vista como um sujeito passivo diante do sistema de escrita, mas como alguém que formula, testa e reformula hipóteses, buscando compreender como os sons da fala podem ser representados graficamente, a partir desta constatação inúmeras situações e equívocos começaram a emergir no Brasil, ao apostar no trabalho ficando em análises fonológicas.

Nas últimas décadas, o papel da consciência fonológica na alfabetização tem sido amplamente discutido, especialmente em abordagens que enfatizam sua importância como pré-requisito para o aprendizado da leitura e da escrita. Essa valorização levou à proliferação de práticas pedagógicas centradas em atividades mecânicas de segmentação, aliteração, rima e identificação de fonemas, muitas vezes dissociadas de contextos significativos de produção textual. Embora essas atividades tenham ganhado espaço nos currículos e materiais didáticos, não existem evidências consistentes dessas habilidades na aprendizagem da leitura e da escrita, para Ferreiro (2013), “ainda está em aberto o debate sobre consciência fonológica como precursora ou como resultado da aprendizagem da leitura”.

É importante reconhecer que as reflexões fonológicas são, sim, relevantes no processo de alfabetização, mas não como um fim em si mesmas. Elas fazem parte da complexidade de aprender a ler e escrever, emergindo de forma contextualizada à medida que o sujeito interage com o objeto de conhecimento, a linguagem escrita, em situações significativas.

A abordagem construtivista psicogenética, fundamentada nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, oferece um referencial teórico potente para compreender esse processo. Segundo essa perspectiva, o conhecimento é construído a partir da ação do sujeito sobre o objeto, sendo a linguagem escrita um sistema que a criança explora e reconstrói com base em suas experiências, interações e conflitos cognitivos. A escrita, portanto, não é ensinada diretamente, mas construída progressivamente por meio de situações que desafiam o pensamento infantil a partir de situações reais que levem em consideração as práticas sociais de leitura e escrita, conforme expõe Zen (2023), “alfabetizar-se significa aprender a ler e a escrever participando de práticas sociais reais de leitura e escrita e não de atividades mecânicas e repetitivas, comprometidas apenas com os aspectos fonológicos da língua”.

Nesse contexto, as interações verbais entre crianças e adultos, especialmente em ambientes escolares, desempenham papel central na reorganização das hipóteses infantis. O diálogo pedagógico, quando conduzido de forma investigativa e provocadora, pode revelar os modos de pensamento da

criança, suas estratégias para lidar com os desafios gráficos e os saberes que mobiliza para resolver problemas de escrita. A análise desses momentos permite compreender como certos conhecimentos — como a percepção de sons, a segmentação silábica e a tentativa de correspondência entre fonemas e grafemas — emergem espontaneamente, mesmo que não tenham sido formalmente ensinados.

Este artigo tem como objetivo analisar, a partir de um protocolo de observação, como as crianças mobilizam saberes sobre a linguagem escrita ao enfrentar desafios gráficos, evidenciando processos de construção que emergem nas interações verbais com a professora durante uma atividade de escrita. A análise se concentra em um episódio específico, a escrita da expressão “lobo mau”, que está descrita no Fascículo 1 dos professores intitulado: Alfabetização contextualizada e reflexiva: Percurso formativo para 1º e 2º anos, material que foi divulgado para fomentar a formação de professores alfabetizadores no âmbito do Programa de Formação Continuada do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada.

Neste protocolo de uma aula de escrita por si mesmo a professora promove uma rica situação em que os alunos escrevem e tentam justificar suas escritas por meio de intervenções que potencializam a reflexão acerca da escrita, no documento é possível observar também as estratégias utilizadas pela criança ao interpretar os movimentos de pensamento revelados no diálogo com a professora identificando indícios de relações entre fala e escrita que emergem durante a atividade.

Ao privilegiar a análise de uma situação concreta de produção textual, este estudo pretende contribuir para a compreensão dos processos de construção da escrita na infância, evidenciando como o pensamento infantil se manifesta e se transforma diante de situações reais de aprendizagem. A investigação se insere no campo da perspectiva construtivista psicogenética, reafirmando o compromisso com uma alfabetização que reconhece a criança como sujeito ativo na construção do conhecimento e valoriza os processos que antecedem a escrita convencional.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A alfabetização, sob a ótica da psicogênese da língua escrita, é compreendida como um processo ativo de construção do conhecimento, no qual a criança elabora hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita a partir de suas experiências com a linguagem oral e com os textos que circulam em seu meio. Essa perspectiva, desenvolvida por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky com base na epistemologia genética de Jean Piaget, rompe com a visão tradicional que concebia a escrita como um código a ser decifrado por meio de instruções diretas e sequenciais. Em vez disso, propõe que o sujeito aprende a escrever ao interagir com situações significativas de uso da linguagem,

reorganizando suas estruturas cognitivas diante dos conflitos que surgem entre o que pensa, o que fala e o que escreve.

Ferreiro (1985) afirma que a criança não espera ser ensinada para começar a escrever; ela inicia esse processo por conta própria, elaborando hipóteses sobre como a escrita representa a fala. Essas hipóteses passam por diferentes níveis de conceitualização — pré-fonetizante, silábico inicial, silábico-alfabético e alfabético — que não correspondem a faixas etárias, mas a formas de pensar sobre a escrita. No nível silábico, foco deste estudo, a criança tende a representar cada sílaba com uma letra, geralmente uma vogal, revelando uma tentativa de segmentar a palavra oral em partes sonoras e atribuir-lhes uma correspondência gráfica. Essa ação evidencia um esforço de compreensão do sistema alfabético, ainda que distante da convenção ortográfica.

Nesse processo, saberes fonológicos podem emergir como ferramentas cognitivas que a criança mobiliza para resolver problemas gráficos. Essa emergência não se dá por meio de exercícios mecânicos, mas como parte da complexidade de aprender a escrever em contextos significativos e frente a desafios que a escola e a sociedade impõem. Como aponta Teberosky (2020), “o sujeito que escreve está em constante diálogo com o objeto de conhecimento, e é nesse diálogo que se constroem as relações entre oralidade e escrita”.

A valorização excessiva da consciência fonológica como pré-requisito para a alfabetização, especialmente em propostas pedagógicas que priorizam atividades de segmentação e identificação de fonemas fora de contexto, tem sido objeto de críticas por parte de pesquisadores da perspectiva construtivista psicogenética. Muito se acredita que, tais atividades de exercícios fonológicos possam contribuir para o desenvolvimento de habilidades específicas, elas não garantem, por si só, a compreensão do funcionamento da escrita. Como destaca Lerner (2002), o ensino da leitura e da escrita deve estar vinculado a práticas sociais de linguagem, nas quais o sujeito possa compreender para que se escreve, como se escreve e o que se escreve. A consciência fonológica, nesse sentido, é parte de um conjunto mais amplo de saberes que se articulam na construção da linguagem escrita, e, para nós, não convém isolá-la, assim como não nos convém isolar nenhuma outra dimensão desse objeto sociocultural tão complexo que chamamos de escrita (BRASIL, 2024).

Giovana Zen (2022), em vídeo publicado na plataforma YouTube, reforça essa perspectiva ao afirmar que a criança mobiliza saberes fonológicos e gráficos de forma integrada, a partir de situações concretas e contextualizadas em momentos de produção textual. Estas circunstâncias por sua vez, precisam dar ênfase a construção por si mesmo de escritas pela criança e oferecer espaços de reflexão sobre o que escreveu a partir de suas próprias interpretações, como afirma Ferreiro e Zen (2022), no estudo clínico que analisou as peculiaridades no processo de aquisição de escrita no português

brasileiro, “para compreender o que pensam as crianças sobre a complexidade desse objeto cultural que chamamos de escrita, é preciso levar em conta a interpretação que elas realizam da própria produção”.

Embora o presente estudo não utilize o método clínico, a análise de um protocolo de aula explicitando a interação entre o que se deseja ensinar e os sujeitos que aprendem e que ensinam nos permite observar fenômenos semelhantes, especialmente quando a criança é desafiada a justificar suas escolhas e a reformular sua escrita diante de intervenções propostas pela professora.

A interação entre professora e aluno, nesse contexto, assume papel central na mediação dos processos de construção da escrita. A professora que questiona, provoca, reformula e acolhe as justificativas da criança está contribuindo para que ela explicita seu pensamento, identifique conflitos e reorganize suas hipóteses. Essa postura dialógica, próxima da intervenção crítica proposta por Piaget, favorece o desenvolvimento de estruturas cognitivas mais complexas e permite que saberes como a consciência fonológica se manifestem de forma contextualizada e significativa. Como afirma Lerner (2002, p. 120),

ensinar é promover a discussão sobre os problemas colocados, é oferecer a oportunidade de coordenar diferentes pontos de vista, é orientar para a resolução cooperativa das situações problemáticas. Ensinar é incentivar a formulação de conceitualizações necessárias para o progresso no domínio do objeto de conhecimento, é propiciar redefinições sucessivas até atingir um conhecimento próximo ao saber socialmente estabelecido. Ensinar é - finalmente – fazer com que as crianças coloquem novos problemas que não teriam levantado fora da escola.

Portanto, compreender o processo de alfabetização como uma construção ativa exige reconhecer a multiplicidade de saberes que a criança mobiliza ao escrever, a partir de problematizações e das interações fundamentais entre os sujeitos que ensinam e aprendem. A consciência fonológica, nesse cenário, não é um conteúdo isolado a ser treinado, mas um saber que emerge quando o sujeito busca compreender de maneira contextualizada e reflexiva a intrínseca relação que há entre a oralidade e a escrita. Ao analisar episódios reais de produção textual, como o que será discutido neste artigo, é possível observar com clareza como o pensamento infantil se organiza, se transforma e se revela nas interações com o adulto e com o sistema de escrita.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa, com enfoque na análise de protocolos de observação de situações reais de produção escrita em sala de aula. A escolha por esse caminho metodológico se justifica pela intenção de compreender os processos cognitivos envolvidos na construção da escrita por crianças em fase inicial de alfabetização, valorizando os significados

atribuídos por elas às suas próprias produções e às interações que estabelecem com o adulto mediador. A análise qualitativa permite captar nuances do pensamento infantil, reveladas por meio de gestos, falas, justificativas e reformulações que ocorrem durante a atividade de escrita.

A investigação parte de um protocolo de observação registrado no Fascículo que foi produzido pelo Ministério da Educação (MEC), no bojo do programa Compromisso Nacional Criança Alfabetizada e seu principal objetivo é contribuir com a formação continuada dos professores alfabetizadores do país. O protocolo em questão pode ser encontrado no primeiro fascículo com o código alfanumérico F1U1T3 de autoria de Tambelli, Veliago e Soligo (2023, p. 36), e a cena escolhida foi 2, onde dois estudantes de uma turma de 1º ano, Gilvan e Celina, são incumbidos de escrever a expressão “lobo mau” e em seguida são convidados a interpretar e refletir sobre suas escritas a partir das intervenções da professora.

O episódio foi transcrito integralmente, preservando as falas dos alunos e da professora, bem como as intervenções, hesitações, reformulações e justificativas que emergiram ao longo da atividade. A escolha desse episódio se deu por sua riqueza em termos de mobilização de saberes vinculados a oralidade e a escrita, além de evidenciar momentos de reorganização do pensamento infantil diante de conflitos e provocações pedagógicas.

A análise do protocolo foi orientada por categorias construídas a partir da literatura da perspectiva construtivista psicogenética, especialmente os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), que descrevem os níveis de conceitualização da escrita e os modos como a criança constrói hipóteses sobre a relação entre fala e grafia. Também foram consideradas contribuições de autores como Lerner (2002), Zen (2024) e Tambelli, Veliago e Soligo (2023), que discutem o papel das interações verbais e da mediação pedagógica na construção do conhecimento escrito. As categorias de análise foram definidas previamente, mas permaneceram abertas à emergência de novos elementos durante o processo interpretativo, respeitando o caráter indutivo da pesquisa qualitativa.

Entre as categorias utilizadas, destacam-se: (1) percepção da pauta sonora, que diz respeito à tentativa da criança de dividir a palavra oral em partes sonoras; (2) pertinência ou não pertinência de letras na escrita, que envolve a escolha de letras para representar os sons percebidos; (3) evocação de repertório linguístico, quando a criança recorre a nomes conhecidos para justificar suas escolhas gráficas; (4) percepção de conflito gráfico, que se refere à identificação de problemas na escrita, como repetições ou ausência de diferenciação entre sílabas; e (5) justificativas gráficas, que são as explicações dadas pelas crianças para suas escolhas, revelando seus modos de pensar sobre a escrita.

A análise foi realizada de forma interpretativa, buscando compreender os movimentos de pensamento das crianças a partir das falas registradas no protocolo. Não se tratou de quantificar



ocorrências, mas de identificar momentos significativos nos quais os sujeitos revelam saberes em construção, reorganizam suas hipóteses ou demonstram conflitos cognitivos. A presença da professora como mediadora foi considerada elemento central na análise, pois suas intervenções provocaram reformulações e justificativas que permitiram acessar o raciocínio das crianças em tempo real.

Importa destacar que, embora o estudo dialogue com o método clínico-crítico proposto por Piaget, não se trata de uma entrevista clínica. A análise se baseia em um protocolo de observação já registrado, sem a condução direta de entrevistas investigativas. Ainda assim, o olhar interpretativo sobre os dados busca compreender os processos cognitivos envolvidos, respeitando os princípios da epistemologia genética: o sujeito como construtor ativo do conhecimento, o conflito como motor da aprendizagem e a interação como espaço de reorganização das estruturas mentais.

A escolha por um episódio único e detalhado se justifica pela profundidade analítica que se pretende alcançar. A análise de situações pontuais, quando bem contextualizadas e interpretadas, pode revelar com clareza os modos de pensamento infantil e os saberes que emergem no processo de construção da escrita. Como Ferreira (2015), a escrita é um objeto de conhecimento que se revela nas ações da criança, e é por meio da observação dessas ações que se pode compreender como ela pensa, age e aprende.

Por fim, a ética da pesquisa foi respeitada em todos os momentos. Os dados utilizados foram extraídos de registros públicos e acadêmicos, sem identificação direta dos sujeitos envolvidos. A análise busca contribuir para o campo da alfabetização, oferecendo subsídios teóricos e práticos para compreender os processos de construção da escrita na infância, valorizando o pensamento da criança e o papel da mediação pedagógica.

#### **4 RESULTADOS E ANÁLISES**

A análise do episódio em que os alunos Gilvan e Celina tentam escrever a expressão “lobo mau” revela movimentos significativos de construção da escrita, mediados por interações verbais com a professora. O protocolo transcrito permite observar como os sujeitos mobilizam saberes sobre a linguagem escrita, reorganizam hipóteses e justificam suas escolhas gráficas diante de desafios concretos. Entre as categorias utilizadas, destacam-se: (1) percepção da pauta sonora, (2) pertinência ou não pertinência de letras na escrita, (3) evocação de repertório linguístico, (4) percepção de conflito gráfico, e (5) justificativas gráficas, conforme foi exposto anteriormente. E obteve-se a partir dessas categorias os seguintes achados:



Tabela 1: Categorias aplicadas ao episódio “lobo mau”:

| CATEGORIA DE ANÁLISE  | EVIDÊNCIA NO EPISÓDIO   | INTERPRETAÇÃO  |
|---|---|--|
| <b>Percepção da pauta sonora</b>                              | Celina escreve “O” para “lo”; Gilvan acrescenta “L” para separar os sons                    | Tentativa de segmentar a palavra oral em partes sonoras, com foco na separação entre “lo” e “bo”   |
| <b>Pertinência ou não de pertinência de letras na escrita</b> | Celina escreve “O” para “lo” e “bo”; Gilvan propõe inserir “L” com base na ficha de Lorenzo | A escolha da letra “O” para representar tanto “lo” quanto “bo” pode ser considerada pertinente, pois o som /o/ está presente em ambas as sílabas. A criança, ao escutar “lobo”, pode perceber dois sons semelhantes e optar por repetir a mesma letra. A inserção do “L” por Gilvan mostra uma tentativa de diferenciar graficamente as sílabas, mesmo que ambas contenham o som /o/. A pertinência aqui está na escuta sensível da criança, que reconhece sons presentes na palavra e busca representá-los com letras que fazem sentido para ela.   |
| <b>Evocação de repertório linguístico</b>                     | Gilvan recorre à ficha de Lorenzo; Celina à ficha de Maria                                  | Uso de nomes dos próprios colegas expostos na sala como apoio para justificar escolhas gráficas e encontrar letras correspondentes.  |
| <b>Percepção de conflito gráfico</b>                          | Gilvan diz “Está igual” ao ver dois “O”; professora pergunta se pode repetir letras         | Identificação de problema na escrita e tentativa de resolver o conflito por meio da mediação e da comparação   |
| <b>Justificativas gráficas</b>                                | Gilvan diz que colocou “L” para “separar essas duas” letras “O”                             | As justificativas gráficas revelam o raciocínio da criança sobre a função das letras na estrutura da palavra. Gilvan, ao inserir o “L” entre os dois “O”, explicita que sua intenção é separar os sons percebidos — mesmo que ambos contenham o som /o/. Essa fala mostra que ele atribui à letra uma função organizadora, não apenas sonora, mas estrutural. Celina, ao apontar para os trechos escritos e nomear “lo” e “bo”, também revela uma tentativa de associar oralidade à grafia, mesmo que sua justificativa seja gestual e não verbalizada com precisão. Essas ações indicam que os alunos não apenas escrevem, mas pensam sobre o que escrevem, atribuindo sentido às letras escolhidas e justificando suas decisões com base em sua percepção da linguagem |

Fonte: Tabela 1. Elaborada pelo autor com a ajuda da IA Copilot.

## 5 DISCUSSÃO INTERPRETATIVA

O episódio da escrita de “lobo mau” revela um processo de construção coletiva da escrita, no qual os alunos Gilvan e Celina mobilizam estratégias gráficas, evocam repertórios linguísticos e reorganizam suas hipóteses com base nas interações entre si, com a professora e com os materiais disponíveis. A escrita final — “OLOMU” — não é fruto de uma decodificação convencional, mas de uma série de ações cognitivas que evidenciam saberes em construção.

A escrita de “lobo” começa com Celina representando “lo” com a letra “O”, o que indica uma percepção da pauta sonora centrada no som vocálico. Em seguida, ela repete “O” para representar “bo”, revelando uma hipótese silábica em que a mesma letra pode servir para diferentes sílabas, desde que o som percebido seja semelhante. Gilvan, ao observar essa repetição, identifica um problema

gráfico e recorre à ficha do nome “Lorenzo” como apoio para encontrar uma solução. A inserção da letra “L” entre os dois “O” é justificada por ele como uma forma de “separar essas duas”, revelando uma tentativa de estruturar graficamente a palavra com base em sua percepção sonora e em seu repertório visual.

A evocação de nomes próprios — Lorenzo e Maria — é uma estratégia recorrente e significativa. Gilvan busca na ficha de Lorenzo a letra “L” que acredita estar presente em “lobo”, enquanto Celina recorre ao nome Maria para escrever “mau”. Essas ações mostram que os alunos não operam isoladamente, mas mobilizam referências do cotidiano escolar para resolver desafios gráficos. A escrita de “mau” como “MU” revela uma tentativa de representar a palavra com base em sua sonoridade percebida, ainda que não haja uma segmentação clara entre “ma” e “u”. A escrita não é construída de forma linear, mas por meio de negociações, reformulações e justificativas que revelam o pensamento infantil em ação.

A mediação da professora é decisiva para o avanço das hipóteses. Ao provocar com perguntas como “Podemos colocar duas letras iguais para escrever lobo?” e “Por que você acha que é aqui que coloca essa letra?”, ela favorece a explicitação do raciocínio dos alunos, sem oferecer respostas prontas. Essa postura investigativa permite que os sujeitos reorganizem suas ideias e avancem na construção da escrita, respeitando o tempo e o modo de pensar de cada criança.

A escrita final “OLOMU” embora não convencional, representa um avanço significativo na compreensão da estrutura sonora da palavra e na tentativa de atribuir pertinência gráfica aos sons percebidos. O episódio evidencia que saberes fonológicos e gráficos emergem de forma contextualizada, como parte de um processo de resolução de problemas, e que a escrita se constrói na interação entre sujeito, objeto de conhecimento e mediação pedagógica.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O episódio analisado neste estudo evidencia, de forma concreta e sensível, como a escrita se constitui como objeto de conhecimento na infância, revelando-se nas ações, nas escolhas gráficas e nas justificativas das crianças. A escrita de “lobo mau” como “OLOMU” não representa um erro, mas sim uma produção carregada de sentido, construída a partir de hipóteses, referências sonoras, repertórios linguísticos e interações mediadas pela professora. Ao observar atentamente os gestos, as falas e os movimentos de escrita de Gilvan e Celina, é possível compreender como o pensamento infantil se organiza diante do desafio de representar graficamente a linguagem oral.

A análise das cinco categorias, permitiu identificar saberes em construção que não se manifestam de forma linear ou convencional, mas emergem do esforço da criança em compreender e

dominar o sistema de escrita. A presença da professora como mediadora foi decisiva para favorecer a explicitação das hipóteses e a reorganização do pensamento, sem impor correções, mas provocando reflexões que ampliaram a compreensão dos alunos sobre a estrutura da palavra.

Este estudo reafirma a importância de compreender a alfabetização como um processo ativo, no qual o sujeito constrói saberes a partir de situações significativas, e não como uma sequência de habilidades isoladas a serem treinadas mecanicamente. A consciência fonológica, nesse contexto, não é um pré-requisito externo, mas um saber que emerge quando a criança busca resolver conflitos entre o que fala e o que escreve. Ao mobilizar nomes próprios, justificar escolhas e reorganizar letras, os alunos demonstram que estão pensando sobre a escrita, atribuindo-lhe sentido e função.

Do ponto de vista pedagógico, os resultados apontam para a necessidade de práticas que valorizem o diálogo, a escuta e a mediação investigativa. O professor que pergunta, provoca e acolhe as justificativas da criança está contribuindo para que ela avance em sua compreensão da linguagem escrita, respeitando seu ritmo e suas formas de pensar. A escrita, nesse cenário, deixa de ser um produto final e passa a ser vista como processo, um espaço de construção, negociação e descoberta.

Portanto, que a escrita na infância não pode ser reduzida a um conjunto de regras ou habilidades técnicas. Ela é expressão de pensamento, construção de sentido e manifestação de saberes que se articulam na relação entre sujeito, linguagem e contexto. Ao reconhecer e valorizar esse processo, a escola cumpre seu papel de formar leitores e escritores críticos, capazes de compreender e transformar o mundo por meio da linguagem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Alfabetização contextualizada e reflexiva: Percurso formativo para 1º e 2º anos**: fascículo 1 do(a) professor(a) Ministério da Educação – Teresina PI: ed. CEAD 2025.

FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_ **Alfabetização em processo** / Emília Ferreiro. 21 ed – São Paulo: Cortez. 2015

\_\_\_\_\_ **Reflexões Sobre Alfabetização**. Tradução: 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emília; ZEN, Giovana. **Desenvolvimento da escrita em crianças brasileiras**. Revista Práxis Educacional, v. 18, n. 49, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v18i49.10975>

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TEBEROSKY, Ana. **Palavras às professoras que ensinam a ler e escrever**. Coordenação Beatriz Cardoso, Angelica Sepúlveda – 1 ed – São Paulo. Editora Moderna. 2020.

ZEN, Giovana Cristina. **CÁ ENTRE NÓS #04 As práticas sociais de leitura e escrita no contexto da alfabetização** - Parte 02. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=EDzPXxWZ-b4&t=555s>. Acesso em 08/02/2025